



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6095 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

Programa Conta pra Mim: movimentos conservadores e a relação de gênero no espaço escolar
Flávia Regina Gonçalves Corrêa - UNIVILLE - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

Rosânia Campos - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

PROGRAMA CONTA PRA MIM: MOVIMENTOS CONSERVADORES E A RELAÇÃO DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR

Este trabalho é parte da pesquisa em andamento intitulada Memórias Trans: a construção do conceito social de gênero na infância e o impacto no percurso educativo de estudantes transexuais. O objetivo deste recorte é analisar o impacto de movimentos conservadores do contexto atual no âmbito escolar e discussões de gênero. Esta discussão justifica-se a partir das inúmeras análises e posições geradas pelas discussões de gênero no cenário educacional.

Neste texto, o foco de análise será o Programa Federal “Conta pra mim”, implantado em 2019 pelo Programa Nacional de Alfabetização. O programa é composto por vídeos que servem como guia para as famílias e contém “orientações e dicas simples e diretas” (MEC, 2020) para desenvolver o que o Ministério da Educação denomina de “literacia” familiar. O intuito de selecionar este material para análise está relacionado com a polarização das discussões de gênero, em especial, no processo de escrita final da Base Nacional Curricular Comum, compreendendo que estando pautado em uma única perspectiva, heteronormativa, branca e elitizada, o programa mais contribui para a polarização do debate de gênero e o discurso da “família tradicional” do que para a desconstrução destas questões.

Cabe, primeiramente, compreender o que é definido como gênero para entender como estas questões estão presentes no programa em questão. Simone de Beauvoir (2016), uma das pioneiras na discussão de gênero e feminismo, já pontuava que gênero é uma construção social e não está relacionado ao sexo biológico, que difere anatomicamente pessoas do sexo masculino e feminino. Para a autora, nascer sob o sexo feminino não torna alguém mulher. O gênero se construiria a partir do meio e das relações sociais, dos papéis atribuídos à homens e mulheres no decorrer da história, que se constroem também a partir dos movimentos econômicos e políticos de uma sociedade.

Ora, se o sexo biológico não define o gênero, compreende-se que uma pessoa que nasceu sob o sexo biológico masculino, poderia constituir sua identidade sob o gênero feminino e vice-versa. Ainda, poderiam manifestar-se sem gênero definido ou a partir de novas concepções de gênero, de acordo com seus interesses, sentimentos e vivências.

Contudo, ainda que se compreenda o gênero como construído socialmente, a lógica hegemônica persiste na ideia de uma matriz dominante, que seria o “normal” e, nesta perspectiva, todos aqueles que manifestarem seu gênero de forma a “ferir” estes papéis definidos historicamente acabam por não serem aceitos ou compreendidos (BUTLER, 2017). Dito de outro modo, os papéis de gênero na sociedade, reduzidos a homem e mulher, nada mais são, então, do que regras e normas sociais estruturadas ao longo do tempo a partir de um contexto histórico e cultural que determina estes comportamentos (LOURO, 2014). Assim, cotidianamente, os sujeitos vivenciam modos de ser e vivenciar seu gênero, construindo conceitos sobre o que é esperado, o que é refutado, o que é “normal”, o que não é normal.

Sendo o gênero uma construção social, não há como práticas que fortalecem os padrões heteronormativos serem “naturais”, visto que a masculinidade e a feminilidade não são inatos, mas constituídos a partir do meio. Naturalizar significa impor padrões e negar que exista diversidade. Tais padrões heteronormativos podem ser observados no Programa Conta pra Mim.

O Programa é constituído por quarenta vídeos, e tem por objetivo estimular o desenvolvimento da linguagem infantil a partir de práticas que podem ser realizadas pelos pais, no ambiente familiar. Cada vídeo contém cerca de dois a três minutos, sendo protagonizados por famílias que demonstram as orientações sugeridas pelo programa. Já no primeiro momento, ocorre a apresentação do programa e a narrativa de que este é destinado para todas as famílias, sem distinção. Contudo, o que se observa nos vídeos são famílias de classe média e heteronormativas, com uma estrutura econômica favorável, pais com bom nível de escolaridade e dentro de um padrão social caracterizado pela “formação familiar tradicional”: pai, mãe e filhos.

Entendemos que, ao não considerar outras constituições familiares, o Programa nega a existência de famílias compostas por casais LGBT, bem como por mães ou pais solo, avós e outros. A clássica cena da família – pai, mãe e filhos – em volta da mesa na hora da refeição, como aparece no vídeo 12 do programa, reforça o padrão instituído sobre o ideal familiar. Cabe ressaltar aqui o discurso da “ideologia de gênero”, que ganha força em 2017 e é reconhecido por Seffner (2017, p. 216) como:

Movimento nacional que buscou retirar dos planos de Educação – municipais, estaduais e também do Plano Nacional de Educação – as menções de gênero e sexualidade, mas mais fortemente a de gênero. Tal movimento ficou conhecido pelo nome de movimento contra a “ideologia de gênero”, e essa expressão adquiriu uma conotação predominantemente negativa no País, terminando por englobar de modo um tanto confuso também as noções de sexualidade.

Este debate é reforçado com o estabelecimento da terceira versão da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), que tem suprimida de seu conteúdo qualquer menção à gênero e sexualidade. A justificativa dos grupos conservadores, através da iniciativa de “combater a ideologia de gênero”, surge como uma forma de defesa à família e a integridade das crianças, com base em uma perspectiva heretonormativa que nega a diversidade de papéis de gênero e orientações sexuais.

Esta narrativa é reforçada no decorrer dos vídeos do “Programa Conta pra Mim” que, especialmente nos vídeos 10,11,12,13,14,15,21,22 e 28, trazem crianças desempenhando papéis de gênero conforme desenhados socialmente. Meninas protagonizam as cenas brincando de boneca, cozinhando com as mães, regando as plantas e ajudando nas tarefas

domésticas, enquanto os meninos são representados em cenas de jogo de futebol, brincando com dinossauros e carrinhos. É clara a distinção de papéis também em relação aos pais, sendo que a mãe é sempre colocada em cena na cozinha, enquanto o pai brinca com o filho no jardim e conserta o caminhaozinho do filho sentado junto ao mesmo no chão da sala.

No vídeo 16, que trata sobre a interação verbal com bebês, a orientação do programa é que a comunicação com estes seja realizada através de uma “fala materna e meiga”, atribuindo doçura e sensibilidade à mãe e não ao pai, denotando também o desenho de uma construção social acerca dos papéis de gênero. Por fim, no vídeo 33, que orienta os pais sobre o contato da criança com a escrita, na cena protagonizada por mãe e filha, a mãe nomeia para a filha objetos tipicamente atribuídos ao gênero feminino, como xícara, vaso de flor e regador. Outros padrões também podem ser observados, como a vestimenta das meninas sempre composta por vestidos e laços, aliada a um comportamento passivo, enquanto os meninos se mostram mais livres e espontâneos.

Ao considerar o padrão utilizado no Programa, observamos que ele segue na contramão das discussões mundiais sobre igualdade de gênero e diversidade, pois não oportuniza o que destaca Rios (2018), a apresentação de que as atividades não devem ser reduzidas ao gênero e que, antes, deveríamos mostrar as crianças que meninas podem jogar futebol sem ferir sua feminilidade e meninos podem ser sensíveis sem ferir sua masculinidade. As reflexões sobre o Programa são ainda ampliadas se considerarmos que é um Programa desenvolvido pelo Ministério da Educação, o que nos indica ser essa a lógica curricular proposta pelo governo federal.

Em relação aos espaços educacionais, Louro (2014, p. 62), diz que “a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”. A partir de algumas práticas, tais como formatações diferentes para meninos e meninas na Educação Física ou a fila da entrada, esta acaba por reproduzir as desigualdades históricas.

Entretanto, cabe lembrar que, assim como a escola pode reforçar padrões existentes, ela também pode ser transformadora e libertadora, através de práticas emancipatórias. Nesse sentido, Junior (2018, p. 30), diz que “a educação escolar não deve pretender formar o sujeito ideal, esse que se encontra instituído pelas identidades hegemônicas que colonizam as diferenças”. Ser um espaço de transformação e emancipação implica aceitar as diferenças e subjetividades, compreendendo que cada sujeito traz consigo uma história que deve ser valorizada enquanto aspecto constituinte da sua identidade.

Conclui-se que, apesar de movimentos conservadores pregarem a neutralidade do sistema educacional, negando que o aluno seja um ser social e tenha uma visão crítica da sociedade, o olhar que de fato incitam não é neutro e incentiva a soberania da família tradicional, contrariando qualquer outra formatação, que possa “prejudicar” o viés dominante (MIGUEL, 2017). Esta “não neutralidade” pode ser percebida no programa “Conta pra Mim” que acaba por reforçar o viés tradicional da família a partir da composição retratada nos vídeos.

Desde as eleições de 2018, o embate a respeito das questões de gênero tem sido constante. Conforme Seffner (2020), este embate se dá entre a perspectiva conservadora e a racionalidade neoliberal que contraria os debates políticos e, de outro lado, um viés pedagógico que enfatiza e valoriza as diferenças, a diversidade e a ciência. É a partir desta segunda ordem que se deve basear o sistema educacional e programas que têm por objetivo estimular o desenvolvimento das crianças e sua constituição identitária.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos conservadores. Gênero. Programa Conta pra Mim. Escola. Ideologia de gênero.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em 03 de junho de 2020.

_____. **Programa Conta pra Mim**. Brasília. MEC, 2019. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=25:programa-conta-para-mim&catid=18:para-pais-e-responsaveis. Acesso em 19 de junho de 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 15ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

JUNIOR, Antônio Carvalho. **Aviando o currículo: representação, gay, corpo e política pública**. In: Educação, gênero e diversidade sexual: fabricação das diferenças no espaço escolar/ Pedro Paulo Souza Rios, Alane Martins Mendes (orgs). Curitiba: CRV, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política: uma introdução**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

RIOS, Pedro Paulo. **Discursos de equidade de gênero em educação: fabricação de diferenças no espaço escolar**. In: Educação, gênero e diversidade sexual: fabricação das diferenças no espaço escolar/ Pedro Paulo Souza Rios, Alane Martins Mendes (orgs). Curitiba: CRV, 2018.

SEFFNER, Fernando. **Atravessamentos de gênero, sexualidade e educação: tempos difíceis e novas arenas políticas.** In: Educação, movimentos sociais e políticas governamentais/ Maria Andrade Torales Campos, Mônica Ribeiro da Silva (orgs). Curitiba: Appris, 2017.

_____. **Sempre atrás de um buraco tem um olho: racionalidade neoliberal, autoritarismo fundamentalista, gênero e sexualidade na Educação Básica.** Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e2015010, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa> . Acesso em 03 de junho de 2020.